



A Austrália aprovou na quinta-feira a proibição das redes sociais para crianças menores de 16 anos, após um debate emotivo que tomou conta do país, estabelecendo uma referência para jurisdições em todo o mundo com uma das regulamentações mais rígidas voltadas para a Big Tech.

A lei força gigantes da tecnologia, do Instagram e do proprietário do Facebook, Meta, ao TikTok, a impedir o login de menores ou enfrentar multas de até A\$ 49,5 milhões (US\$ 32 milhões ou cerca de Rs. 270 crore). Um teste de métodos para aplicá-la começará em janeiro, com a proibição entrando em vigor em um ano.

A lei da Idade Mínima nas Redes Sociais coloca a Austrália como um caso de teste para um número crescente de governos que legislaram ou disseram que planeiam legislar uma restrição de idade nas redes sociais, devido à preocupação com o seu impacto na saúde mental dos jovens.

Países como a França e alguns estados dos EUA aprovaram leis para restringir o acesso de menores sem a permissão dos pais, mas a proibição australiana é absoluta. A proibição total de menores de 14 anos na Flórida está sendo contestada em tribunal por motivos de liberdade de expressão.

A aprovação da lei após uma maratona no último dia do ano parlamentar da Austrália marca uma vitória política para o primeiro-ministro de centro-esquerda, Anthony Albanese, que vai às eleições em 2025 em meio à queda nas pesquisas de opinião. A proibição enfrentou oposição de defensores da privacidade e de alguns grupos de direitos da criança, mas 77% da população a desejava, de acordo com as últimas pesquisas.

Tendo como pano de fundo um inquérito parlamentar até 2024 que ouviu evidências de pais de crianças que se autoflagelaram devido ao bullying nas redes sociais, a mídia nacional apoiou a proibição liderada pela News Corp de Rupert Murdoch, a maior editora de jornais do país, com uma campanha chamada "Deixe-os ser crianças".

A proibição, no entanto, pode prejudicar o relacionamento da Austrália com os Estados Unidos, um importante aliado, onde o proprietário do X, Elon Musk, uma figura central na administração do presidente eleito Donald Trump, disse em um post este mês que parecia uma "maneira secreta de controlar o acesso ao Internet por todos os australianos".

Também se baseia num clima de antagonismo existente entre a Austrália e os gigantes da tecnologia domiciliados principalmente nos EUA. A Austrália foi o primeiro país a obrigar as plataformas de redes sociais a pagar royalties aos meios de comunicação pela partilha do seu conteúdo e agora planeia ameaçá-los com multas por não conseguirem eliminar as fraudes.

Um porta-voz da Meta disse que o proprietário do Facebook respeitava a lei australiana, mas estava "preocupado" com o processo, que "apressou a legislação ao mesmo tempo em que não considerou adequadamente as evidências, o que a indústria já faz para garantir



experiências adequadas à idade e as vozes dos jovens.”

“A tarefa agora consiste em garantir que haja consultas produtivas sobre todas as regras associadas ao projeto de lei para garantir um resultado tecnicamente viável que não represente um fardo oneroso para os pais e adolescentes e um compromisso de que as regras serão aplicadas de forma consistente em todos os [aplicativos](#) sociais usados por adolescentes”, disse o porta-voz.

A Snap, controladora do Snapchat, cumprirá as leis e regulamentos na Austrália, mas levantou sérias preocupações sobre a legislação, disse um porta-voz da Snap por [e-mail](#).

“Embora existam muitas questões sem resposta sobre como esta lei será implementada na prática, iremos colaborar estreitamente com o Governo e o Comissário da eSafety durante o período de implementação de 12 meses para ajudar a desenvolver uma abordagem que equilibre privacidade, segurança e praticidade”, disse o porta-voz.

Representantes do TikTok e do X, que o governo disse que seriam afetados pela proibição, não estavam imediatamente disponíveis para comentar.

As empresas - incluindo o Google, da Alphabet, cuja subsidiária YouTube está isenta porque é amplamente utilizado nas escolas - argumentaram que a legislação deveria ser adiada para depois do julgamento de [verificação](#) de idade.

“É a carroça na frente dos bois”, disse Sunita Bose, diretora-gerente do Digital Industry Group, que tem como membros a maioria das empresas de mídia social.

“Temos o projeto de lei, mas não temos orientação do governo australiano sobre quais são os métodos corretos que toda uma série de serviços sujeitos a esta lei precisarão empregar”, acrescentou Bose, em declarações à Reuters.

Nação dividida

Alguns grupos de defesa da juventude e acadêmicos alertaram que a proibição poderia afastar os jovens mais vulneráveis, incluindo LGBTQIA e adolescentes migrantes, das redes de apoio. A Comissão Australiana de Direitos Humanos disse que a lei pode violar os direitos humanos dos jovens ao interferir na sua capacidade de participar na sociedade.

Entretanto, os defensores da privacidade alertaram que a lei poderia levar a uma maior recolha de dados pessoais, abrindo caminho para a vigilância estatal baseada na identificação digital. Uma alteração de última hora no projeto de lei especificou que as plataformas devem oferecer uma alternativa para fazer com que os usuários carreguem documentos de identificação.

“São os boomers tentando dizer aos jovens como a internet deveria funcionar para que eles se sentissem melhor”, disse Sarah Hanson-Young, senadora pelos Verdes, de tendência



esquerdista, em uma sessão tardia do Senado, pouco antes de o projeto ser aprovado por 34 votos a favor. 19.

Mas grupos de pais pressionaram pela intervenção, aproveitando os comentários do Cirurgião Geral dos EUA, Vivek Murthy, que em 2023 disse que as redes sociais estavam a agravar uma crise de saúde mental juvenil a tal ponto que deveriam conter uma advertência de saúde.

“Estabelecer um limite de idade e devolver o controle aos pais, acho que é um ponto de partida”, disse o defensor australiano anti-bullying Ali Halkic, cujo filho de 17 anos, Allem, suicidou-se em 2009, após bullying nas redes sociais.

Enie Lam, uma estudante de Sydney que completou recentemente 16 anos, disse que as redes sociais contribuíram para problemas de imagem corporal e para o cyberbullying, mas uma proibição total pode levar os jovens a partes menos visíveis e mais perigosas da Internet.

“Isso apenas criará uma geração de jovens que serão mais alfabetizados tecnologicamente para contornar essas barreiras”, disse ela à Reuters. “Não alcançará os efeitos desejados.”

“Todos nós sabemos que as redes sociais não são boas para nós, mas a proibição das redes sociais geralmente atrai muitos jovens que são fortemente contra ela”.

©ThomsonReuters 2024